

AS REPRESENTATIVIDADES PLURAIS E SILENCIAMENTOS DAS MÃES NA LITERATURA AFRO-BRASILEIRA DA ESCRAVIDÃO À CONTEMPORANEIDADE

Klelma Costa Pereira

(Universidade Federal Rural da Amazônia)

Evelyn Vitória da Silva Carvalho

(Universidade Federal Rural da Amazônia)

Rafaella Contente Pereira da Costa

(Universidade Federal Rural da Amazônia)

RESUMO	ABSTRACT
<p>O objetivo deste artigo é fazer um estudo baseado em textos literários, com o viés social, ao dar ênfase na mulher negra e mãe na época colonial até a contemporânea. Para a tessitura do texto, buscamos validar nossas pesquisas com Candido (2023), Davis (2016) e Giacomini (1887) acerca de análises sociais. O corpus do trabalho apresentado para o período colonial foi Pai contra a Mãe (2017) e Sabina (2008) de Machado de Assis; o conto Lucinda Mucama, da obra Vítimas-Algozes (2005) de Joaquim Manuel; e para o contemporâneo 9 contos de Olhos d'água da Conceição Evaristo (2018). Conclui-se que as mães na literatura apresentam os traços de opressão racial e de gênero, como os apresentados nos textos, ao mostrar as mães escravizadas sendo tratadas como inferiores em relação a mulher branca; outrossim, na contemporaneidade, apresentou a invisibilidade da mulher, mãe e negra que são expostas as mais variadas violências e sofrimentos sociais.</p>	<p>The objective of the text is to make a study based on literary texts, with a social bias, by emphasizing the black woman and mother in the colonial era to the contemporary. For the weaving of the text, we sought to validate our research with Candido (2023), Davis (2016) and Giacomini (1887) on social analysis. The corpus of the work presented for the colonial period was Father against the Mother (2017) and Sabrina (2008) by Machado de Assis; the short story Lucinda Mucama, from Victims-Executioners (2005) by Joaquim Manuel; and for the contemporary 9 short stories Olhos d'água da Conceição Evaristo (2018). It is concluded that the literature still presents the traces of racial and gender oppression present in the social reality, as presented in the texts that show how slave mothers were treated as inferior in relation to white women, in the contemporary part presented the invisibility of women, mothers and black women who are exposed to the most varied violence and social suffering.</p>

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Mucama; mãe preta; ama de leite; mães contemporâneas	Maid; Black mother; wet nurse; contemporary mothers.

INTRODUÇÃO

Neste artigo analisaremos contos e um poema sobre a maternidade, com o intuito de realizar um breve estudo acerca da representação da mãe afro-brasileira na literatura. Sendo assim, o objetivo do presente trabalho é desenvolver uma análise

baseada em textos literários sob o viés social, que dá ênfase a mulher negra e mãe — da época colonial à contemporaneidade — buscando construir uma leitura literária do Ser enquanto mulher negra e mãe. Pretende-se, assim, explicitar, através das construções sociais e históricas, as influências da trajetória de escritoras negras, ao apresentar os papéis dessas mulheres na sociedade, frequentemente silenciadas. Diante da escassez de estudos voltados especificamente para a mulher negra e escravizada no contexto colonial, foi necessária a seleção de textos da literatura afro-brasileira que abordassem a figura da mulher-mãe escravizada nos papéis de mucama, mãe preta e mãe.

Os teóricos selecionados para o desenvolvimento deste artigo foram escolhidos por utilizarem abordagens com análise social, como Giacomini (1988) e Rocha (2020), que construíram pesquisas voltadas para o estudo de mulheres na história e na literatura; Davis (2016) e Hooks (2018), com ênfase nos estudos de gênero voltados a mulher negra; Pinsky (2010), com abordagens sobre a mulher escrava; Gomes (2019), com contribuições para a contextualização sobre a escravidão e Almeida (2019) e Ribeiro (2018), que refletem sobre as questões das mulheres negras na contemporaneidade. Para o percurso metodológico, foi utilizada a análise documental, com base na abordagem de Candido (2023), que, sob a perspectiva social, contribui para conceituar a literatura como representação escrita da sociedade.

Foram utilizados textos de Machado de Assis, autor conhecido por trazer referências de contextos da escravidão em suas obras, como o conto “Pai contra Mãe” (2017) e o poema “Sabina” (2015), nos quais as mães escravizadas eram consideradas menos importantes dos que as sinhás; Joaquim Manuel de Macedo com o conto “Lucinda, Mucama”, encontrado no livro “As Vítimas-Algozes” (2005), que irá representar o laço afetivo das mucamas com seus filhos de criação; o cântico “Mãe Preta” de Bruno de Menezes (2005), que traz a abordagem sobre o leite materno e por isso gera referências maternas da mulher negra escravizada em todo o texto; por fim, para estudos sobre as mães na contemporaneidade, foi usado o livro “Olhos d’água”, da Conceição Evaristo (2018). A obra contém 15 contos, porém serão comentados somente 9, sendo eles: “Olhos d’água”, “Ana Davenga”, “Duzu-querença”, “Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face”, “Luamanda”, “Záita esqueceu de guardar os brinquedos” e “A gente combinamos de não morrer”, que representam as fragilidades sociais da contemporaneidade vivida por mulheres mães.

1 A MULHER NEGRA NA LITERATURA

O trabalho realizado pelas mulheres negras, ainda hoje, reproduz um padrão histórico-colonial que foi estabelecido durante os primeiros anos da escravidão e

observados nas obras literárias: a ideia de que eram trabalhadoras e também propriedade dos seus senhores, sendo vistas como unidades de trabalho lucrativas, pois poderiam gerar novos escravos, além uma tripla jornada de trabalho. Para Candido (2023), a escrita literária carrega traços de conteúdo histórico e social de uma época, os diferentes tipos de representações e manifestações são materialidades vinculadas ao texto escrito. Relacionado a este fato, Angela Davis (2016) observa que essas jornadas podem ser enumeradas como as de esposas, mães e donas de casa, nos afazeres domésticos. Sobre as relações sociais no país, Cuti analisa que:

A produção intelectual enfrenta pressões do meio em que se realiza. A pressão da ideologia racista sempre procurou minimizar a importância da discriminação racial e seus efeitos nos discriminados e nos próprios discriminadores. O silêncio imposto a respeito das relações raciais no Brasil foi enfrentado nos vários campos do saber. No tocante à literatura propriamente dita (ficção e poesia), os brancos procuraram cristalizar a ideia de relações pacíficas sem qualquer estranhamento por parte do discriminado. Formados nesse diapasão e mais bem aceitos quanto mais a ele adiram, escritores negros manifestam em seus textos as tensões da autocensura racista (2010, p. 24).

Neste sentido, Bosi (2002) chama de resistência a ação feita quando o sujeito fala das forças de dominância que são produzidas não pela força da vontade, mas pela memória, intuição e realidade; nelas a literatura cria contrastes reais de organização social e aquele que é dominado socialmente tem em suas produções reflexo de si, em sua persona. A construção do saber enquanto sociedade foi por muito tempo voltada para conhecimentos tecnicistas e separou a construção dos saberes sociais, principalmente, quando se trata de escrituradas e histórias de mulheres negras e mães. Pouco se fala sobre o papel das mães pretas, por exemplo, já que a mulher foi silenciada. Por isso, o *corpus* da pesquisa foi organizado a partir da seleção de vários textos literários. Nos contos escolhidos há traços de violências e de esperança, logo, o artigo não pretende causar saturação da temática, deseja-se contribuir com uma abordagem social das representações sociais.

O sentido da resistência é voltado para a força da vontade que luta contra outra força exterior ao sujeito, nasce de experiências e causas que fazem a tentativa de mudança. Conforme Bosi (2002), a arte acontece a partir do potencial do conhecimento do artista ou autor, da intuição e da razão, com toques de realidade e da força de vontade. Ou seja, os textos que abrangem questões sociais e que retratam a mulher negra surgem de um conhecimento da realidade sofrida por elas, e podem surgir da tentativa de gerar uma consciência. Segundo Gonzalez (2020), as pesquisas que abarcam a integração e a representação social dos negros mostram que a situação atual de esteretipização ainda existe e é passada desde a época de abolicionismo até os dias

atuais como retrato da pobreza e fragilidades sociais, essa marginalização explica as desigualdades raciais vigentes.

2 SILENCIAMENTOS DA MÃE ESCRAVIZADA

O significado de escravidão vem de tornar o outro servidor de suas vontades, com autoridade e olhar de dono do corpo e do trabalho de uma pessoa, sem se importar com suas vontades, seus direitos, vendo o outro ser humano como uma propriedade privada. Este conceito descreve a relação das mulheres negras e escravas com seus donos, mas também mostra a herança histórica de escravidão, com influência até hoje nas relações sociais da sociedade moderna. Como aborda Pinsky (2010), no período colonial foi estabelecido uma maneira desigual de pensar no trabalho manual e intelectual e com o trabalho de “ser mãe” não foi diferente, pois os trabalhos — mesmo que maternos, como dar de mamar — eram feitos pelas mulheres que foram escravizadas. Tendo em vista essa prática, deixavam de alimentar seus próprios filhos para dar de mamar a uma criança que não foi gerada por elas, mostrando que não tinham autonomia nem com seu próprio corpo.

Neste sentido, percebe-se que a maternidade é um conceito complexo de todas as formas, mas sua ênfase é no sentimento de cuidado e proteção de uma criança, podendo esta ser biológica ou gerada por manifestações de sentimento construído após o desenvolvimento e criação, por isso, esta seção irá abranger as mães de criação como mãe preta, que davam de mamar, e as mucamas, que criavam os filhos da senhora.

No período colonial, o trabalho com os filhos era destinado às escravas e, por isso, elas deixavam de cuidar dos seus próprios filhos ou até mesmo tinham que implorar pela vida deles, como retratado no conto machadiano “Pai contra a mãe” (2017). O conto evidencia os castigos físicos destinados às pessoas escravizadas e narra a história de Cândido, um homem que não permanecia em empregos e que se apaixonou por Clara, que tinha o ofício de costureira. Casados, não tinham como manter a casa, e depois da gravidez de Clara, Cândido começa a capturar pessoas que foram escravizadas fugitivas para tentar sobreviver. Vivendo na pobreza, foram aconselhados a doar seu filho na Roda dos Enjeitados. Cândido, na luta contra o tempo, ainda possuía a esperança de encontrar um escravo para ganhar a recompensa e não entregar seu filho, então, quando finalmente encontra, a mulher suplica:

— Estou grávida, meu senhor! exclamou. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peço-lhe por amor dele que me solte; eu serei tua escrava, vou servi-lo pelo tempo que quiser. Me solte, meu senhor moço! — Siga! repetiu Cândido Neves. --Me solte! — Não quero demoras; siga! (Assis, 2017, p.

10).

A escrava chamava-se Arminda, ela tinha engravidado e estava fugindo do seu senhor, alegando que ele era mau e estava com medo de receber açoite. Cândido entregou a escrava, ganhou sua recompensa e Arminda, de tanto medo, teve aborto espontâneo. Cândido, feliz com o dinheiro, não se importou com a escrava, pois, para ele, ela era alguém que não importava, nem mesmo a sua gravidez, afinal, era de outra pessoa negra, assim como ela. Ao analisar este trecho, relembramos Davis (2016) quando disse que as escravas eram sujeitas às mesmas chicotadas que trabalhadoras e trabalhadores normalmente recebiam caso deixassem de cumprir a cota diária de deveres ou se protestassem com “insolência” contra o tratamento recebido. O mesmo tratamento de castigos é observado entre homens, mulheres e mulheres grávidas, não havia nenhuma consciência humanizada ligada aos corpos das mulheres e de seus filhos, sendo estes biológicos ou de criação, como acontecia também com as mucamas que eram vistas não somente como babás, mas também como um objeto sexual ou uma boneca de companhia quando a criança nascia em corpo feminino.

Essa relação sobre e com o corpo é observada também no conto “Lucinda, Mucama”, encontrado no livro *As Vítimas-Algozes* (2005). A história relatada no conto apresenta uma menina que foi comprada para ser companhia de uma criança, e que foi sexualizada também. Para sofrer menos com os maus tratos feitos pelos seus senhores, a mucama recorria às questões corpóreas, pois era sua única defesa em relação ao sistema escravista. Lucinda, por ter sido escravizada, não foi permitida a ter uma relação de amor, de mãe não parental, com a criança que estava destinada a acompanhar, pois ela nunca foi vista de fato como um ser humano, era vista como um objeto, um corpo criado para gerar prazer, além de filhos para a reprodução de um sistema escravista, como narrado no trecho:

E na mucama escrava, na influência da companhia da escrava, da negra condenada à escravidão, desleixada, desnaturada, corrompida na escravidão, nessa peste animada, que invadira o seu aposento, ela encontrou, um por um, todos os princípios maléficos que a tinham levado à perdição (Macedo, 2005, p. 158).

O texto acima apresenta a situação degradante que as mulheres escravizadas eram vistas, portanto, além de serem consideradas como uma força de trabalho na condição de propriedade do senhor, eram conjuntamente estereotipadas de maneira pejorativa e sexual, um objeto de reprodução de mais escravos e potenciais produtivos que aumentava o lucro rapidamente. Giacomini (1988) comenta que, com o estereótipo voltado à sexualidade, sem as normas morais e religiosas que eram consideradas à criação das mulheres brancas, existia muito fetiche ligado à sensualidade de mulheres negras, servindo de objetos sexuais por terem atributos físicos super valorizados. Essa obra apresenta que o fato de ser escrava carregava uma soma de abusos cometidos pela

sociedade, no que se refere a propriedade privada dos senhores. Neste sentido, leva-nos a compreender as relações de poder do ambiente, sem ocasionar direitos aos negros para reivindicar o próprio o corpo.

Viver as mudanças trazidas por uma gravidez e pelo exercício de ser mãe, é também retratado no poema “Sabina” de Machado de Assis (2008, p. 273-274):

Sabina é mãe; o sangue livre
Gira e palpita no cativo seio
E lhe paga de sobra as dores cruas
Da longa ausência. Uma por uma, as horas
Na solidão do campo há de contá-las,
E suspirar pelo remoto dia
Em que o veja de novo... Pouco importa,
Se o materno sentir compensa os males.

O poema acima apresenta a dor de uma mãe que sofre com o abandono do pai de seu filho ao perceber que foi usada fisicamente por seu amado e que ele não tem a intenção de se casar, mas que é tomada por um sentimento compensador com a vinda de seu filho ao mundo ao sentir que não estará mais sozinha. O poema também é relacionado à Lei de Ventre Livre (1871), em que era dada a liberdade às crianças a partir dos 8 anos.

Apesar de ter esperanças a partir do seu filho livre, sabe que a realidade dela é fortemente, marcada por abusos e maus tratos, como abordado por Giacomini (1988), ao narrar que as mulheres recém paridas eram levadas a péssimas condições de vida, muitas habitando em locais insalubres e eram obrigadas a dar de mamar às crianças de seus senhores, por ser parte das funções da mulher escrava. Em muitos casos, os seios jorravam leite, que era usado para amamentar os filhos de seus donos, enquanto o verdadeiro dono do leite estava gritando de fome na senzala. Ainda segundo o autor, as mulheres só tinham a relação mãe-filho nos primeiros anos de vida do seu bebê. Davis (2016) ressalta ainda que após este período, seus bebês poderiam ser vendidos e enviados para longe, sem as mães exercerem direitos legais sobre o próprio filho.

Conforme Muaze (2018), as amas de leite são aquelas que criavam uma certa relação de mãe com os bebês que amamentavam, porém, não tinham participação direta na casa, pois eram vistas como propriedade e sofriam violência física. Elas amamentavam o filho do senhor, cuidavam da higiene na primeira infância e quando não tinham mais leite eram chamadas de ama-seca, que significa a mesma coisa que babá. O pesquisador Gomes (2019), retrata que as amas de leite alimentavam os bebês dos seus senhores, ou seja, doavam seus seios com leite materno no lugar das mães biológicas. Muitas delas foram alugadas em anúncios de jornais, um grande negócio no Brasil nos séculos XVIII e XIX.

As pesquisas de Giacomini (1988) revelam que as descrições das amas de leite são até hoje encontradas em revistas e jornais antigos. Essas mães pretas eram escravas de baixa idade, que também poderiam ser alugadas pelo comércio a partir de necessidades de crianças brancas, essas mulheres negras eram separadas de seus filhos, às vezes, gerando até a morte deles. Ressalta-se que os médicos da época começaram a cuidar da alimentação das mães pretas, pois a baixa qualidade do leite estava gerando mortalidade infantil das crianças brancas, organizando sua alimentação para o controle de qualidade e quantidade do leite

Já no poema 4, na obra de Menezes (2005), pode-se observar uma representação dos silenciamentos da mãe preta, pois o poema exalta a figura delas como uma mãe que foi esquecida pela história, que não possui um nome, mas que alimentavam os filhos de pessoas brancas. O autor remete à falta de reconhecimento do bem que fizeram ao Brasil, pois essas mães podem ter alimentado pessoas importantes na história.

Quem mais teu leite amamentou, Mãe Preta?..
Luiz Gama? Patrocínio? Marcílio Dias?
A tua seiva maravilhosa sempre transfundiu o ardor cívico, o talento vivo, o arrojo máximo!
Dos teus seios, Mãe Preta, teria brotado o luar?
Foste tu que na Bahia alimentaste o gênio poético de Castro Alves?
No Maranhão a glória de Gonçalves Dias? Terias unguido a dor de Cruz e Souza? (p. 31).

Como apresentam Duarte e Nunes (2020), o trabalho feito pelas mulheres negras reproduz um padrão histórico colonial que foi estabelecido durante anos de escravidão. A mãe de leite preparava a comida das crianças e bebês, criava e ensinava as primeiras palavras, tudo isso fazia parte de sua condição de escravizada, a Mãe Preta levava as crianças para dormir e contar histórias.

3 MÃES AFRO-BRASILEIRAS NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA

Antes mesmo do debruçamento sobre a representação das mães afro-brasileiras disposto nesta seção, é válido ressaltar a construção da diversidade de vozes da literatura atual. O trabalho de Dalcastagnè (2012) mostra que a representação neste cenário contemporâneo sugere uma grande mudança relacionada às estruturas tradicionais e abrange a utilização do termo para as problemáticas sociais em pauta; ou seja, há um direcionamento maior para uma representação que preze por legitimidade, distante dos chamados silenciamentos da “realidade” que não atendem às problemáticas sociais em questão. Observa-se a significativa luta pelo fim do poder historicamente restrito às vozes hegemônicas com recortes sociais superficiais, uma vez

que as perspectivas outrora silenciadas confrontam as narrativas dominantes.

Hoje, cada vez mais, autores e críticos se movimentam na cena literária em busca de espaço — e de poder, o poder de falar com legitimidade ou de legitimar aquele que fala. Daí os ruídos e o desconforto causados pela presença de novas vozes, vozes “não autorizadas”; pela abertura de novas abordagens e enquadramentos para pensar a literatura; ou, ainda, pelo debate da especificidade do literário, em relação a outros modos de discurso, e das questões éticas suscitadas por essa especificidade (Dalcastagnè, 2012, p. 07).

A partir das palavras de Dalcastagnè (2012), é possível destacar a literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo, que, por meio de suas escrituras, retrata o cotidiano da realidade de mulheres negras, além de evidenciar e resgatar sua ancestralidade. Cuti (2010) aborda que as linguagens tratadas nos textos não têm unicamente uma função artística, mas um caráter denunciativo do contexto de vivências, apresentando narrativas de personagens que demonstram a complexidade da desconstrução de estereótipos.

Em destaque para esta análise, foi selecionada a obra *Olhos d'água*, de Conceição Evaristo (2018), contabilizando 15 contos que registram as vozes de personagens em sua maioria marginalizados. Especificamente, a coletânea apresenta 9 contos que contemplam o tema da maternidade na vida de mulheres negras, principal objetivo deste estudo, sendo estes: “Olhos d'água”, “Ana Davenga”, “Duzu-querença, Maria”, “Quantos filhos Natalina teve?”, “Beijo na face”, “Luamanda”, “Zalita esqueceu de guardar os brinquedos” e “A gente combinamos de não morrer”.

Os textos escolhidos denotam diferentes cenários e realidades vividas por mulheres negras, revelando a complexidade de suas existências marcadas pelas desigualdades sociais. Os contos não estão analisados segundo a ordem na obra, e sim divididos por subseção e perspectiva de análise, tais como: a imposição da maternidade vista em “Quantos filhos Natalina teve?”; a perda dos filhos para a criminalidade observada em “A gente combinamos de não morrer” e “Zaita esqueceu de guardar os brinquedos”; a solidão e resistência na maternidade negra em “Maria” e “Olhos d'água”; a representação de relacionamentos abusivos presente em “Ana Davenga” e “Beijo na face” e a objetificação e violência sexual em “Duzu-querença” e “Luamanda”.

3.1 IMPOSIÇÃO DA MATERNIDADE

O conto “Quantos filhos Natalina teve?” é iniciado com a protagonista, Natalina, experienciando o início da vida sexual com um namorado e sua primeira gravidez ainda com seus treze anos. O primeiro ponto a ser observado, deve-se à consciência da

mãe da personagem sobre gravidez e certa condescendência ao perguntar se Natalina e o namorado Bilico, queriam o filho. Nota-se uma projeção, um espelhamento da figura da mãe da protagonista, que aprendeu com ela, observando, a existência do que chamou de “certos chás” para evitar a gravidez. “Várias vezes vira a mãe beber. Sabia também que às vezes os chás resolviam, outras vezes, não. Escutava a mãe comentar com as vizinhas...” (Evaristo, 2018, p. 46).

Com a falha na tentativa, a mãe tomou a iniciativa de levá-la à parteira Sá Praxedes, levando em consideração a situação socioeconômica da família: marido, esposa e sete crianças para sustentar. Abortar, para mãe e filha, seria a opção mais viável pela situação de vulnerabilidade econômica, mas isso não aconteceu já que Natalina fugiu com medo das más histórias sobre a parteira. Esse ponto da história faz uma ponte com a reflexão de Hooks (2018) sobre a liberdade e o direito do aborto para todas as mulheres. Um procedimento que só seria “acessível” para mulheres com privilégios de classe enquanto o índice de mulheres pobres que sofrem impossibilitadas de realizar o procedimento ou procuram métodos clandestinos — e perigosos — para que aconteça, ainda que sem a segurança necessária.

Ainda assim, com a fuga, a alternativa de Natalina se tornou dar à luz, longe da família e do lugar onde morava, e entregar o filho para a enfermeira por não querer que a criança sofresse. Na segunda gravidez, seu pensamento não foi muito diferente: o sentimento de vergonha a tomou quando engravidou do namorado, Tonho, e embora tenha levado a gravidez até o fim, não tinha perspectiva de casar-se ou formar uma família, refletindo, dessa forma, a estrutura familiar na qual cresceu: muitos irmãos, pouco dinheiro e poucas oportunidades.

Quando acabou a falação e olhou para Tonho, o moço chorava e ria. Abraçou Natalina e repetia feliz que ia ter um filho. Que formariam uma família. Natalina ganhou uma nova preocupação. Ela não queria ficar com ninguém. Não queria família alguma. Não queria filho. Quando Toinzinho nasceu, ela e Tonho já haviam acertado tudo. Ela gostava dele, mas não queria ficar morando com ele. Tonho chorou muito e voltou para a terra dele, sem nunca entender a recusa de Natalina diante do que ele julgava ser o modo de uma mulher ser feliz. Uma casa, um homem, um filho... Voltou levando consigo o filho que Natalina não quis (Evaristo, 2018, p. 48).

Neste mesmo texto, também é apresentado o questionamento de Tonho sobre “o modo de uma mulher ser feliz”, recaindo sobre o tradicionalismo familiar e o comodismo sobre o que naturalmente se espera dos papéis sociais de gênero: o homem que traz o sustento da casa, e a mulher do lar, que cuida do marido, filhos etc. Apesar da idade da personagem não ser especificada, é provável que ela ainda seja uma

adolescente, sem estudo, sem uma estrutura familiar, somente com a lembrança do modelo com o qual conviveu por tantos anos antes de abandonar a antiga vida. De acordo com Ribeiro (2018), há o “valor concreto”, valores ensinados à mulher de que deve ser mãe da maneira mais romantizada existente, e que por isso foi construída a visão de uma maternidade perfeita, causando julgamentos nas mães e nas mulheres que não desejam ser mães.

Quando Natalina engravidou pela terceira vez, ainda sem a intenção de ser mãe, ela se prestou a um papel de reprodutora para o casal para o qual trabalhava: a patroa não conseguia engravidar, então passou esse papel a ela. A mulher afirmou que *precisava* de um filho, com certo desespero, e ressaltou que a criança passaria despercebida pela pouca diferença entre o tom de pele dela e de Natalina. “Era só a empregada fazer um filho para o patrão” (Evaristo, 2018, p. 49), um posicionamento que relembra a função de uma escrava que era vista e tratada como uma posse do patrão, e embora a finalidade não seja produzir mais escravos, ainda assim recai sobre a ideia de uma obrigação em função do desejo do casal que a empregou.

Para Natalina, não foi um sacrifício a ser feito, já que a personagem não desejava a criança; logo, desde o ventre, ela viu o bebê pertencente aos chefes, nunca a si mesma. Nas últimas páginas do conto, a personagem revela que as três crianças, às quais deu a luz anteriormente, eram dívidas ligadas às expectativas do que se espera socialmente de uma mulher:

A quarta gravidez de Natalina não lhe deixava em dívida com pessoa alguma. Não devia o prazer da descoberta ao iniciar-se mulher, como tinha sido nos encontros com Bilico. Não devia nada, como na segunda barriga, quando ficou devedora diante da inteireza de Tonho, que se depositava pleno sobre ela, esperando que ela fosse viver com ele dias contínuos de um casal que acredita ser feliz. Não era devedora de nada, como na terceira, ao se condoer de uma mulher que almejava sentir o útero se abrir em movimento de flor-criança. Doou sua fertilidade para que a outra pudesse inventar uma criação, e se tornou depositária de um filho alheio. Não, desta vez ela não devia nada a ninguém (Evaristo, 2018, p. 50-51).

Já no quarto filho de Natalina foi fruto de uma violência sexual, que resultou na morte de seu estuprador, no entanto, para além disso, a personagem viu na gravidez uma alegria, uma esperança e pela primeira vez experienciava o sentimento da maternidade — passado o medo, a vergonha e o nojo da violência sofrida.

3.2 PERDA DOS FILHOS PARA A CRIMINALIDADE

A autora Conceição Evaristo frequentemente aborda em seus contos a realidade

da criminalidade na vida de seus personagens. Alguns contos abordam a mulher como vítima de parceiros envolvidos com o crime e outros, como em “A gente combinamos de não morrer” e “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos”, dão uma margem significativa e melancólica para a temática da maternidade e da perda. No primeiro conto citado, há as vozes de três personagens: Dorvi, personagem envolvido com tráfico de drogas por uma oportunidade, sua esposa Bica e sua sogra Dona Esterlinda. A história está dividida entre os três pontos de vista, três narrações com focos pessoais, no entanto, esta análise está direcionada para as personagens femininas.

O envolvimento de Dorvi com o tráfico resulta em uma traição de um companheiro e, com isso, um instinto de vingança, o que o entremeia ainda mais no mundo no crime, agora com o peso de um assassinato. Com essa realidade, regada de morte mais próxima do que nunca de Bica, que se tornou mãe recentemente, resta a ela o questionamento do que esperar sobre um futuro que nada mais parece que uma reprodução do passado: a morte do irmão Idago, também fruto da criminalização da pobreza. De acordo com Almeida (2019), o reforço frequente feito pelas práticas sociais e políticas que associam a negritude ao crime, aumentam a perpetuação dos estereótipos racistas externos e também internalizados a quem está ligado a essa realidade.

Entretanto Dorvi sumiu e Neo também. De Neo já temos notícia. Dançou ao som da música da escopeta de Dorvi. E Dorvi? Nem a mãe dele sabe, nem eu que sou sua mulher, só adivinho só. O que dizer para o nosso filho à medida que ele for crescendo. Quero outro futuro para ele. Será que ainda há dor por vir? E Dorvi? Não sei (Evaristo, 2018, p. 116).

Ainda nessa perspectiva, há a visão de Dona Esterlinda que perdeu o filho Idalgo e viu a filha envolver-se romanticamente com um homem que viria a ter o mesmo fim de seu filho. Diferente de Bica, ela ainda possui a esperança de que um dia a filha que restou poderia ter um destino diferente da perpétua tragédia que o cenário proporciona.

Eu sempre gostei de Dorvi, menino que eu vi crescer. Regularidade com Bica, mas não é o companheiro que eu queria para ela. E acho que nem ela. Eu tenho esperanças de que Bica, a minha menina, não sei quando e como, terá outro destino (Evaristo, 2018, p. 113-114).

Quando Bica constatou que Dorvi não voltaria mais para casa, sem saber por quem foi morto, ela retrata “sangrando” por meio da escrita, que tem uma “fome diferente”, uma fome por compartilhar esperança, para achar uma saída diferente da que o irmão e o ex-marido encontraram e, de certa forma, também da mãe que se refugiou na ficção — as novelas — para amenizar o processo.

Sobre o conto, ainda pode-se ressaltar a construção familiar gerida por mulheres, uma vez que os homens, que antes foram responsáveis pelo trabalho e sustento, perderam as vidas. Sendo assim, são, novamente, mulheres, agora mães — e avó — solteiras gerindo e provendo o lar.

Bem como a atual e incerta realidade de Bica e Dona Esterlinda, o segundo conto citado, “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” narra a perspectiva de duas meninas gêmeas, que pela ambientação e relação de elementos — já apresentados no título — com os brinquedos, é possível inferir que são crianças. A narrativa dá atenção a uma família sustentada por Benícia, mãe de Zaíta e Naíta, e também de dois jovens. É explícito a vida na favela desses personagens, a pobreza e a ausência da figura paterna, o que proporciona uma estrutura familiar não tradicional. Inicialmente, o conto já demarca um sentimento de medo de Benícia pelo segundo filho, que se envolveu com o crime e passou a ganhar dinheiro às margens da lei; dinheiro que a mãe nunca aceitou por saber de onde vinha.

Um dia Zaíta viu que o irmão, o segundo, tinha os olhos aflitos. Notou ainda quando ele pegou uma arma debaixo da poltrona em que dormia e saiu apressado de casa. Assim que a mãe chegou, Zaíta perguntou-lhe por que o irmão estava tão aflito e se a arma era de verdade. A mãe chamou a outra menina e perguntou-lhe se ela tinha visto alguma coisa. Não, Naíta não tinha visto nada. Benícia recomendou então o silêncio. Que não perguntassem nada ao irmão. Zaíta percebeu que a voz da mãe tremia um pouco. De noite, julgou ouvir alguns estampidos de bala ali por perto. Logo depois, escutou os passos apressados do irmão que entrava (Evaristo, 2018, p. 77).

Ao longo da narrativa, é possível perceber que Benícia dá sinais de cansaço e estresse: sustentou a casa sozinha, e ainda assim os ganhos do trabalho não eram suficientes para arcar com as despesas, o que reflete no tratamento com as gêmeas — resultando na destruição de brinquedos, além da violência física, caso eles fossem encontrados espalhados pela casa. Tudo isso, atribuído ao medo que a mãe sentia pela escolha de vida do filho, dão um tom sombrio à narrativa à medida que se percebe, gradativamente, a hegemonia da criminalidade e como ela consome a família. Primeiro o segundo filho e, depois, enreda na inocência de Zaíta, que saiu de casa à procura de uma figurinha e acabou no fogo cruzado da violência em que seu irmão liderava um dos grupos.

Um dos contendores, ao notar a presença da menina, imitou o gesto feito pelo garoto, para que Zaíta procurasse abrigo. Ela procurava, entretanto, somente a sua figurinha-flor... Em meio ao tiroteio, a menina ia. Balas, balas e balas desabrochavam como flores malditas, ervas daninhas suspensas no ar. Algumas fizeram círculos no corpo da menina. Daí a um

minuto, tudo acabou. Homens armados sumiram pelos becos silenciosos, cegos e mudos. Cinco ou seis corpos, como o de Zaíta, jaziam no chão (Evaristo, 2018, p. 81).

Quando Benícia se deu conta da falta das filhas devido ao silêncio na casa e, ao procurar por elas, tropeçou nos brinquedos espalhados no chão, a preocupação se tornou raiva, resultando na destruição da boneca mais linda das meninas: arrancou braços, cabelos e olhos e bateu em Naíta — que estava escondida. A cena dá margem para analisarmos o sistema hierárquico que consiste na força coercitiva para expressar a dominação dentro das relações de mãe e filhos em que a violência se torna aceitável, perspectiva discutida por Hooks (2018). Além disso, a simbologia da boneca negra sendo destruída como um reflexo da banalização da violência e autoritarismo da mãe permite uma leitura sobre a morte da criança, um cenário também banalizado da realidade coordenada pela extrema violência. De acordo com Almeida (2019, p. 75-76):

O racismo, mais uma vez, permite a conformação das almas, mesmo as mais nobres da sociedade, à extrema violência a que populações inteiras são submetidas, que se naturalize a morte de crianças por “balas perdidas”, que se conviva com áreas inteiras sem saneamento básico, sem sistema educacional ou de saúde, que se exterminem milhares de jovens negros por ano, algo denunciado há tempos pelo movimento negro como genocídio.

Ao retomarmos o ponto principal, que nos conduz ao cenário da perda de um filho para o contexto social vigente, nos casos supracitados da obra evaristiana, observa-se um entremeado de fatores que os envolvem além dos ligados a fatalidades: fala-se sobre o meio e as condições sociais que afetam a saúde mental, direcionam violência familiar, física, verbal e psicológica, o abandono parental, as dificuldades econômicas, educacionais, segurança pública e da área da saúde. Todas essas coisas, nos três casos (Bica, Esterlinda e Benícia) associados também ao abandono e ausência paterna nas responsabilidades de criação da prole, sobrecarregando o papel da mãe solo que, posteriormente, ainda vai carregar a dor da perda.

3.3 SOLIDÃO E RESISTÊNCIA NA MATERNIDADE

Nesta subseção, nos debruçaremos sobre “Olhos d’água”, conto que deu origem ao título da obra de Conceição Evaristo, e “Maria” a fim de analisarmos a figura da mãe negra e solo — que também podem ser citadas em contos como “Zaíta esqueceu de guardar os brinquedos” e “Quantos filhos Natalina teve?”

A narrativa de “Olhos d’água” foi iniciada com um questionamento: “De que cor eram os olhos de minha mãe?”. Essa fala foi feita em tom angustiante pela narradora-

personagem, já que é explícito que não foi um questionamento recente. Essa pergunta norteia o leitor para um sentimento de perda: “Atorroadada, custei reconhecer o quarto da nova casa em que eu estava morando e não conseguia me lembrar de como havia chegado até ali” (Evaristo, 2018, p.15).

As lembranças da personagem são de sua infância, narradas como breves lapsos, episódios marcantes de uma vida humilde e difícil. No trecho: “Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência” (Evaristo, 2018, p.16), observa-se uma crescente autonomia da personagem, sendo a filha mais velha de uma mãe solteira entre outras sete irmãs, ou seja, uma família formada predominantemente por mulheres e sem a presença de uma figura masculina, além de estabelecer uma infância breve, levada pela pobreza e o trabalho para sustento da família.

Embora a situação humilde, ela deixa claro que não foi infeliz pelos momentos de presença da mãe, não apenas física, mas emocional; e quando a protagonista, após tanto questionamento, decide voltar para casa a fim de sanar o mistério da cor dos olhos de sua mãe, encontra os olhos d’água dela. Esses olhos representam nada mais que uma ancestralidade para a personagem; a repetição de um passado que já aconteceu antes dela, mas com a mãe: “Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância” (Evaristo, 2018, p.16). Essa representação da repetição, recai em um ciclo de pobreza, mas também da luta de uma mãe que prezava pela proteção das filhas, não só de maneira física, mas psicológica, de forma que pudessem criar boas memórias para cobrir a fome.

E era justamente nesses dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões, a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes, colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. As flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora. Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía (Evaristo, 2018, p.17).

A figura da mãe, construída no conto com os sentimentos representados através das lágrimas não direciona para uma única tristeza, e sim alimenta, como sua característica mais marcante na filha, o ato de resistência; a ausência de uma figura patriarcal e a figura de suas ancestrais serem femininas acrescem ao discurso do

caminho solitário na criação de todas as filhas. Nas palavras de Gonzalez (2020, p. 55) “Mas sobretudo a *mulher negra anônima* sustentáculo econômico, afetivo e moral de sua família é quem, a nosso ver, desempenha o papel mais importante”.

A mulher negra, como único alicerce familiar, abriu portas para possibilidades, embora não explicita no texto se esse ciclo será interrompido, ela ainda atribui vários papéis, em um só, muito importantes. Ainda na perspectiva da mãe solo, analisamos o conto “Maria”, que narra o cotidiano de uma mãe negra, doméstica, que trabalha em função da criação dos filhos, tidos de pais diferentes, o que significa o abandono paterno mais de uma vez na vida de Maria, e das crianças. Ainda assim, pode-se observar um contentamento da personagem com pouco: ela voltou do trabalho, feliz por uma única gorjeta.

Estava feliz, apesar do cansaço. A gorjeta chegara numa hora boa. Os dois filhos menores estavam muito gripados. Precisava comprar xarope e aquele remedinho de desentupir nariz. Daria para comprar também uma lata de Toddy. As frutas estavam ótimas e havia melão. As crianças nunca tinham comido melão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (Evaristo, 2018, p. 41).

A pobreza da personagem é evidenciada pela pequena lista de alimentação básica que a família, em dias com a falta da gorjeta e da sorte, não tem acesso, e pelos restos de comida do lugar que trabalhou: há frutas que os filhos sequer provaram alguma vez, e também pela dificuldade de adquirir remédios para doenças mais corriqueiras, como a gripe. Essa vivência, em se tratando de Brasil, recai sobre a falta de oportunidades de trabalhos com boa remuneração destinados às mulheres negras, que geralmente são atribuídas a trabalhos manuais, com jornadas longas e deslocamentos maiores ainda. De acordo com Gonzalez (2020, p. 51):

Quando não trabalha como doméstica, vamos encontrá-la também atuando na prestação de serviços de baixa remuneração (“refúgios”) nos supermercados, nas escolas ou nos hospitais, sob a denominação genérica de “servente” (que se atente para as significações a que tal significante nos remete).

A autora ressalta não apenas a falta de oportunidade, mas que essa ausência se dá pelo estabelecimento de papéis e locais sociais que invisibilizam mulheres negras dentro do mercado de trabalho, considerando que mulheres têm uma remuneração menor em relação ao homem, e mulheres negras estão passos atrás dos homens e, ainda, das mulheres brancas. A discriminação, para além do trabalho, é estimulada de outras formas mais violentas. O episódio mais significativo da narrativa se dá quando, no transporte público, Maria reencontrou o pai de um de seus filhos assaltando os

passageiros com um comparsa. Durante o ato, eles dialogaram e ela acabou sendo a única isenta do roubo

Lincha! Lincha! Lincha! Maria punha sangue pela boca, pelo nariz e pelos ouvidos. A sacola havia arreventado e as frutas rolavam pelo chão. Será que os meninos iriam gostar de melão? (Evaristo, 2018, p.44).

Quando os passageiros perceberam que ela não havia sido afetada pelo assalto, o ódio, a discriminação e o racismo que antes eram apenas implícitos, são dispostos em uma escala muito maior e violenta, e o linchamento de Maria pode ser comparado a uma oportunidade há muito esperada pela sociedade para expressar o que antes era velado.

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão (Gonzalez, 2020, p. 50).

Como dito anteriormente; a mulher negra está constantemente podada de perspectivas, de esperanças e oportunidades pela sociedade e no conto é retratado exatamente o momento em que a opressão misógina e racista fere não apenas o direito à dignidade, à saúde, à educação, ao trabalho, a um transporte público, mas passa a ferir também o direito à vida.

Por que estavam fazendo isto com ela? O homem havia segredado um abraço, um beijo, um carinho no filho. Ela precisava chegar em casa para transmitir o recado. Estavam todos armados com facas a laser que cortam até a vida. Quando o ônibus esvaziou, quando chegou a polícia, o corpo da mulher estava todo dilacerado, todo pisoteado. Maria queria tanto dizer ao filho que o pai havia mandado um abraço, um beijo, um carinho (Evaristo, 2018, p. 44).

Como retratado no trecho, Maria representava o alicerce da família e na solidão da criação de todos os filhos, nos últimos momentos, percebe-se que todos os seus pensamentos se voltam para os filhos, para o que poderiam ter experimentado de diferente, para uma breve notícia do pai, que embora não represente carinho, Maria pretendia fazer com representasse um pouco de esperança.

3.4 REPRESENTAÇÃO DE RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

“Ana Davenga”, um dos contos mais conhecidos da obra *Olhos d'água*, mostra a vida de uma mulher que se relaciona com Davenga, um mafioso dentro da favela. Com um histórico extremamente violento, no qual sente prazer em fazer vítimas, Davenga impõe respeito na comunidade e impõe que cuidem de Ana sem cobiçá-la. O conto é

narrado em terceira pessoa, porém, em sua maioria, da perspectiva da mulher e, embora a descrição induza o leitor a acreditar que todos os atos dela são por amor, é nítido, pelo posicionamento de Davenga, que ele a têm como uma posse e que as atitudes dela também são moldadas pelo medo.

Ela era cega, surda e muda no que se referia a assuntos deles. Ele, entretanto, queria dizer mais uma coisa: qualquer um que bulisse com ela haveria de morrer sangrando nas mãos dele feito porco capado. Os amigos entenderam (Evaristo, 2018, p. 22).

Quando Ana se dá o nome, não sobrenome, de Davenga, ela se torna, de forma autodeclarada, uma posse de seu homem, que não é seu marido legalmente, demarcando, assim, o contexto de posse e objetificação. Ao longo da narrativa, conforme é posta a forma violenta que Davenga vivia, as ações de Ana são reconstruídas como reflexos do medo e da opressão pelo perigo que dorme ao lado dela e de seu bebê, uma criança que deveria ser símbolo de esperança, mas que se torna um questionamento: quanto tempo demoraria para que ela tivesse um mesmo fim?

Davenga vestiu a calça lentamente. Ele sabia estar vencido. E agora o que valia a vida? O que valia a morte? Ir para a prisão, nunca! A arma estava ali, debaixo da camisa que ele ia pegar agora. Poderia pegar as duas juntas. Sabia que este gesto significaria a morte. Se Ana sobrevivesse à guerra, quem sabe teria outro destino? (Evaristo, 2018, p. 30).

Quando a polícia cerca o barraco, a única reação de Davenga é pensar sobre a própria liberdade, de maneira egocêntrica e egoísta, como uma maneira de estabelecer que, se fosse provida de sorte, sua mulher sobreviveria. Neste sentido, ele não apresenta interesse romântico, que proporcione zelo ou preocupação com Ana e o bebê em seu ventre antes de reagir à polícia. A morte chega, sem surpresa, após uma vida inteira de privação de liberdade para Ana Davenga. A representação disposta no conto, das relações de poder através da dominação do homem, que não deixa a mulher expressar qualquer resquício de autonomia, no sentimento de posse patriarcal, também é expresso em “Beijo na face”, através do casamento abusivo de Salinda.

Confirmou, porém, que estava sendo seguida, quando, numa noite, o marido, julgando que ela estivesse dormindo, falava alto na sala ao lado, e sem querer ela ouviu todo o teor da conversa. Ele pedia notícias de todos os passos dela. Depois a confirmação foi se dando pelas notícias que ele trazia. Ela tinha sido vista em tal e tal lugar (Evaristo, 2018, p. 57).

O conto aborda a falta de confiança do marido na mulher e na obsessão dele por mantê-la a seu controle e disposição, sem direito nenhum à privacidade, sentimento que

apenas se intensifica quando ele descobre a traição dela e passa atingir o ponto crucial do conto: os filhos de Salinda.

Aos poucos, as ameaças feitas pelo marido, as mais diversificadas e cruéis, foram surgindo. Tomar as crianças, matá-la ou suicidar-se deixando uma carta culpando-a. Salinda, por isso, vinha há anos adiando um rompimento definitivo com ele. Tinha medo, sentia-se acuada, embora às vezes pensasse que ele nunca faria nada, caso ela o deixasse de vez. Aprendera, desde então, certas artimanhas, sondava terreno, procurava saídas. Aos poucos, foi se fortalecendo, criando defesas, garantindo pelo menos o seu espaço íntimo (Evaristo, 2018, p. 57).

A constante opressão do marido, apesar de causar medo, incita em Salinda o instinto protetor maternal, que possibilita a iniciativa de uma luta, que além de judicial, é psicológica em decorrência da violência constantemente sofrida por ela dentro do cotidiano matrimonial. O marido, como principal fonte de poder, exerce a influência e o controle sobre Salinda através de um suposto privilégio hierárquico de gênero, conceito que, conforme Hooks (2018), determina que a mulher está sempre aquém da figura patriarcal.

3.5 VIOLÊNCIA SEXUAL

Em “Duzu-querença” é disposta a vulnerabilidade de Duzu, que é moradora de rua e ex-prostituta. No entanto, essa análise atém-se ao começo da vida sexual da personagem em um prostíbulo — no qual foi abandonada pelo pai sem consciência — de maneira violenta. Pela curiosidade, sem saber onde estava trabalhando, Duzu, ainda criança, passa a espiar os clientes sendo atendidos por mulheres até ser violentada por um deles várias vezes, dado a alienação infantil sobre o ato.

Estava brava. Se a menina quisesse deitar com homem, podia. Só uma coisa ela não ia permitir: mulher deitando com homem, debaixo do teto dela, usando quarto e cama, e ganhando o dinheiro sozinha! Se a menina era esperta, ela era mais ainda. Queria todo o dinheiro e já! Duzu naquele momento entendeu o porquê do homem lhe dar dinheiro. Entendeu o porquê de tantas mulheres e de tantos quartos ali. Entendeu o porquê de nunca mais ter conseguido ver a sua mãe e o seu pai, e de nunca D. Esmeraldina ter cumprido a promessa de deixá-la estudar. E entendeu também qual seria a sua vida. É, ia ficar. Ia entrar-entrando sem saber quando e por que parar (Evaristo, 2018, p. 36).

Quando a dona descobriu o que Duzu fazia, não permiti que ela, de certa forma, trabalhasse de graça para os clientes e acabou sendo instruída no meio da prostituição, já que teve a realização, tão nova, de que havia sido abandonada pela família. Com os

anos, a personagem viveu diversos tipos de violência sexual, física, psicológica, além do risco de assassinatos constantes dentro ambiente hostil, que também a tornou mãe nove vezes — quase todas desesperançosas pela falta de estrutura financeira, familiar e afetiva. Tanto a história de Duzu, quando a de Luamanda, uma mulher que vive sua plenitude de experiências sexuais de forma livre, apresentam mulheres negras sujeitas ao estupro, que não apenas violentam o corpo, como sofrem violências psicológicas e emocionais relacionadas a autoestima, guiadas pela exotização e objetificação do corpo negro feminino moldados pelo racismo. Ribeiro (2018, p. 117) comenta que:

Por mais que todas as mulheres estejam sujeitas a esse tipo de violência, é importante observar o grupo que está mais suscetível a ela, já que seus corpos vêm sendo desumanizados e ultrassexualizados historicamente. Esses esteriótipos racistas contribuem para a cultura de violência contra essas mulheres que são vistas como lascivas, “fáceis”, indignas de respeito.

A autora ressalta o que é retratado no conto “Luamanda”, que conta, em forma de *flashbacks*, todas as experiências sexuais e românticas marcantes da protagonista — homens mais jovens e mais velhos, mulheres, primeiras vezes — como uma forma de autodescoberta. E no entremeio, uma experiência infeliz de um estupro violento, que afetou a vivência dela voltada para a própria liberdade, brevemente interrompida pelas sequelas de um crime, ou seja, ainda tão doloroso quanto a violência foi o resultado dela.

Se havia o amor na vida de Luamanda, também um grande fardo de dor compunha as lembranças de seu caminho. A vagina ensanguentada, perfurada, violada por um fino espeto, arma covarde de um desesperado homem, que não soubera entender a solidão da hora da partida. E, durante meses, o sangue menstrual de Luamanda, sangue de mulher que nasce naturalmente de seu útero-alma vinha misturar-se ao sangue e pus, dádivas dolorosas que ela ganhara de um estranho fim amoroso. E pior do que a dor foi a dormência de que foi atacada, em sua parte tão viva, durante meses a fio (Evaristo, 2018, p. 66-67).

Apesar desse episódio, mais tarde, Luamanda voltou com sua vida tão plena quanto antes, sem se deixar vencer pela violação de e uma tentativa de vetar o direito pelo próprio corpo.

Havia os filhos, três mulheres e dois homens. Todos eles já inaugurados no mistério maior da vida. A mais nova estava redonda da cabeça aos pés guardando e aguardando a velha e nova espécie humana desafiadora do tempo. Estava em vésperas de parir. Luamanda, avó, mãe, amiga, companheira, amante, alma-menina no tempo (Evaristo, 2018, p. 67).

A representação da figura de Luamanda, enquanto mãe e avó, com um passado

repleto de memórias e traumas violentos, difere-se do triste fim de Duzu-querença, que morre em meio a invisibilidade social de uma ex-prostituta e moradora de rua, ainda sem uma figura familiar presente — além da neta — antes da morte. O reflexo da pobreza, do racismo e do abuso sexual que nunca foi registrado na infância e da vida um pouco mais estável de Luamanda apresentam vivências diferentes, no entanto, ainda marcadas fortemente pela presença do racismo e objetificação da mulher negra que levam ao ato da violência sexual.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Evidencia-se que no período contemporâneo literário tem-se desenvolvido um maior apanhado de pesquisas envolvendo representações temáticas que enfatizam contextos de cunho sociais de vulnerabilidade da mulher negra como a pobreza, sexualização, violência e racismo. Com esse estudo social, que comparou os conteúdos desde a maternidade no período colonial ao contemporâneo, percebeu-se que apesar das mudanças históricas e avanços sociais, as marcas da opressão racial e de gênero ainda persistem ao referenciar retratos da mãe nos diferentes períodos históricos.

Através das contribuições de Machado de Assis vimos o poema “Sabina” (2015), publicado no ano de 1875, narrando situações sobre a lei do ventre livre e, em “O Pai contra mãe” (2017) abordando questões de castigos desumanos, logo, de cunho humanitário, sobre o valor de uma vida negra. As análises do conto e do poema do Machado de Assis contribuíram para destacar e registrar como a mulher escrava estava sendo tratada no período oitocentista, abordando estudos sociais sobre a mulher negra e escravizada representadas em personagens de mães pretas, mucamas e amas de leite. Nas obras analisadas, fica claro a temática sobre a sexualização dos corpos femininos negros e na representação de mãe, não somente a mãe biológica, mas também mãe de criação, pois muitas dessas escravas foram obrigadas a abandonar seus próprios filhos para cuidar dos filhos dos seus senhores.

Em *Olhos d'água* (2018), de Conceição Evaristo, compreende-se o reflexo que a condição escrava, de gênero e de cor leva ainda hoje à violência, aos silenciamentos, ao sentimento de posse e tantas outras situações humilhantes para a mulher. Essas representações contemporâneas revelam as continuidades históricas de opressão vividas pelas mulheres negras e mães, em que a luta diária por sobrevivência, dignidade e afeto é atravessada por muitas camadas de desigualdade. Ao dar voz a essas mulheres, Conceição Evaristo afirma a potência da memória, da resistência e da escrevivência como formas de reconstrução de identidades silenciadas e de reivindicação de um lugar legítimo na história e na literatura.



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sílvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. *In*: TERRA, Helena; RUFFATO, Luiz (Orgs.). **Uns e outros: contos espelhados**. Porto Alegre: Dublinense, 2017. p. 127-140.
- ASSIS, Machado de. **Toda poesia de Machado de Assis**. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e resistência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- CANDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Todavia, 2023.
- CUTI, Luiz Silva. **Literatura negro-brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- DALCASTAGNÈ, Regina. **Literatura brasileira contemporânea: um território contestado**. Vinhedo: Editora Horizonte; Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2012.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2016.
- EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016.
- GIACOMINI, Sônia Maria. **Mulher e escrava: uma introdução histórica ao estudo da mulher negra no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro latino americano**. São Paulo: Zahar, 2020.
- GOMES, Laurentino. **Escravidão**. Vol II. Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. São Paulo: Globolivros. 2019.
- hooks, bell. **Não serei eu mulher? As mulheres negras e o feminismo**. Tradução de Nuno Quintas. Lisboa: Orfeu Negro, 2018.
- HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução de Ana Luiza Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.
- PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- ROCHA, Denise. **Representações da mulher nas literaturas de língua portuguesa**. Campo Grande: Editora Inovar, 2020.
- MACEDO, Joaquim Manuel de Macedo. **As vítimas-algozes**. 4. ed. São Paulo: Zouk, 2005.
- MENEZES, Bruno. **Batuque**. 5. ed. Belém: Sagrada Família, 2005.

MUAZE, Mariana. Maternidade silenciada: amas de leite no Brasil escravista, século XIX. In: OSÓRIO, Helen; XAVIER, Regina Célia Lima. **Do tráfico ao pós-abolição: trabalho compulsório e livre e a luta por direitos sociais no Brasil**. São Leopoldo: Oikos, 2018.

OLIVEIRA, João Manuel de. AMÂNCIO, Ligia. **Gêneros e Sexualidades: Interseções e Tangentes**. São Paulo: Gráfica Maiadouro, 2017.

INVENTÁRIO

Título em inglês:

**THE PLURAL REPRESENTATIVITIES AND SILENCING OF
MOTHERS IN AFRO-BRAZILIAN LITERATURE:**



FROM SLAVERY TO CONTEMPORANEITY

INVENTARIO